



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de entrega das chaves da cidade da Guatemala**

Cidade da Guatemala-Guatemala, 02 de junho de 2009

Companheiros ministros brasileiros que me acompanham nessa viagem,
Companheiro Samuel Pinheiro Guimarães, ministro interino das
Relações Exteriores,

Companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e
Combate à Fome,

Ministros Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Embaixador brasileiro na Guatemala,

Senhoras e senhores integrantes do Conselho da Cidade da Guatemala,

Senhoras funcionárias,

Senhores funcionários, que vieram tão elegantemente hoje,

(incompreensível) da Guatemala,

Amigos e amigas,

Esta é a minha terceira visita à Cidade da Guatemala, onde sempre
tenho sido muito bem acolhido pelo seu povo afetuoso.

É uma honra receber as chaves da Cidade da Guatemala das mãos do
prefeito Arzú. Agradeço seu gesto. Considero como uma manifestação de
apreço ao povo brasileiro.

Esta cidade respira beleza e cultura. Relíquia da civilização maia, com
quase 2 mil anos de história, ela nunca se deixou abater pela adversidade.
Soube sempre reconstruir-se, renovar-se. Assim foi após o terremoto de 1976 e
também depois do furacão Mitch, em 1998.

Senhor Prefeito,

Felicito-o por sua reeleição à frente da Prefeitura. Suas qualidades de



estadista e de administrador ficaram demonstradas em dois momentos singulares, quando presidia os destinos do país: na reconstrução nacional após a tempestade de 1998 e na conclusão dos acordos de paz de 29 de dezembro de 1996. Estamos seguros de que, com a grande capacidade de trabalho do povo guatemalteco, a Cidade da Guatemala continuará construindo um futuro melhor para seus cidadãos.

Ao retornar ao Brasil, ao final desta viagem, sei que levarei comigo mais do que as chaves desta magnífica cidade. Carrego desde já a convicção de que nossos povos estão unidos por uma inabalável amizade e pela determinação de lutar pelos ideais de solidariedade que inspiram nossa América.

Meu caro Prefeito,

Eu não poderia me despedir de Vossa Excelência sem dizer algumas palavras, além das que os meus assessores escreveram. O discurso coordenado pelo meu cerimonial é cheio de formalidades e eu queria dizer algumas coisas além das formalidades. Afinal de contas, sabe Deus quando eu vou voltar aqui à Cidade da Guatemala.

Ontem, na hora em que entramos no Palácio com o presidente Colom, ele me disse: “Presidente, eu quero que o senhor conheça um homem bom. Um homem que já foi presidente da Guatemala, é o prefeito da Cidade da Guatemala, e acaba de ser reeleito para o segundo mandato”. E me levou até o prefeito e me apresentou. Depois eu fui me sentar à mesa e comecei a conversar com o Colom. E eu me lembrava de uma coisa que a minha mãe dizia. Ela falava assim: “Meu filho, se você quiser conhecer o caráter de uma pessoa, e o tipo de pessoa com quem está conversando, mira nos olhos, porque os olhos são a maior prova de que tipo de gente você está conversando. Se for um falso, aparecerá nos olhos. Se for uma pessoa de bem, aparecerá nos olhos”.

Eu estou convencido, Prefeito, depois desses poucos momentos de



convivência, depois dos nossos poucos minutos de conversa, de que estou diante de um homem de bem. Um homem que pode ajudar definitivamente a convencer o povo da Guatemala de que a democracia é um processo, e um processo longo, às vezes duro, às vezes cheio de incompreensão. Mas tem duas coisas fundamentais na democracia: primeiro, precisamos ver a alternância de poder como uma coisa natural. Segundo, essa alternância de poder será muito mais respeitada se as instituições forem sólidas. Porque a democracia não pode estar subordinada ao jeito democrático de um presidente ou de um governante. A democracia tem que ser sustentada em instituições fortes, com credibilidade junto à opinião pública, para que as coisas possam fluir sem a quantidade de batalhas que vemos todos os dias na nossa querida América Latina.

Meu querido Prefeito, como um homem experiente, que já foi presidente deste país, eu queria dizer que há mais de 30 anos participo ativamente da vida política do meu país. E também há quase 30 anos, eu participo da vida política da América Latina. Criei um partido político, criei uma central de trabalhadores. Em 20 anos, nós criamos o partido de esquerda mais importante da América Latina e criamos a central sindical mais importante da América Latina. Portanto, já falei muito mal de governo, porque há um momento na nossa vida em que a gente acha o poder tão distante, que falamos qualquer coisa dele, porque não pensamos que vamos chegar lá.

Vejam uma coisa: em 1995... não, em 1985, eu dei uma declaração em [para] um grande periódico de São Paulo de que não era possível um operário chegar ao poder pela via do voto. Quatro anos depois, eu tive 47% dos votos para presidente da República. Aí eu comecei a acreditar que eu não estava correto, em 1985, e que apenas o exercício da democracia era o que poderia permitir que um obreiro pudesse pleitear a Presidência da 10ª ou da 8ª economia mundial, depende de como se veja os números. E nesse pouco tempo – estou falando de 1989 – nós começamos a juntar toda a esquerda da



América Latina. Toda a esquerda. Vocês não imaginam, dentro de um país, quantos grupos de esquerda. Tinha troquista, maoísta, leninista, tinha de tudo o que se pode imaginar. As pessoas nem conversavam entre si, ninguém conversava, eram inimigos. Eu me lembro que na primeira reunião que fizemos em São Paulo, a única unidade – unanimidade – para os argentinos era quando o Maradona pegava a bola, porque era época de Copa do Mundo.

O que aconteceu nesses últimos 20 anos? Olhem a América Latina e vejam a mudança extraordinária que houve neste continente. Se, nos anos 80, nós estávamos em um processo de guerra, recém-vitório pela Frente Sandinista na Nicarágua, as palavras de ordem no ato de comemoração da revolução nicaraguense... Lembro-me até hoje, porque foi no dia em que eu conheci Fidel Castro. Qual era a palavra de ordem? “Se Nicarágua venceu, El Salvador vencerá”. Eu penso que aqui muita gente também gritou essas palavras de ordem. Mas o que aconteceu nesses 20 anos? Eu acabei de vir da posse do Mauricio Funes, em El Salvador. Eles chegaram ao poder, em menos de 20 anos, exercitando a democracia.

Evo Morales chegou ao poder. Nenhum analista político poderia imaginar que um Evo Morales pudesse chegar à Presidência, e chegou. Rafael Correa, Lugo, Tabaré, Cristina, Michele, para vir para cá... A eleição do companheiro Colom é um passo a mais no fortalecimento da democracia e na formatação ideológica de que a alternância é importante para os países.

Pois bem, ao ganharmos as eleições, nós temos que governar. E para governar, nós precisamos ter tranquilidade. Não é possível nenhum país crescer, não é possível, se ele está o tempo inteiro combatendo, o tempo inteiro com problemas internos.

Eu fui oposição muito tempo, eu perdi três eleições, então aprendi a fazer oposição. E eu fui percebendo que quando as pessoas ganham as eleições, quem perdeu tem que compreender que quem ganhou tem que governar. Não é possível que as pessoas que saíram continuem agindo como



se estivessem no poder. E eu conheço o comportamento de quase toda a América Latina. E a imprensa que está aqui sabe que todo mundo fala mal da imprensa.

Não conheço um presidente que deixe de falar mal da imprensa, seja na Finlândia, seja na Argentina, passando pela Guatemala e pelo Brasil. A verdade é que nós não teríamos democracia sem imprensa. Mas a verdade é que a imprensa fortalecerá muito mais a democracia quando ela se contentar em informar os fatos e não criá-los e não se transformar em porta-voz de um pensamento político.

Aí a liberdade de imprensa está arranhada, está machucada, porque ela não está exercendo a liberdade, que é fundamental para consolidar a democracia no nosso continente. A nossa democracia é muito nova. O acordo de paz foi feito em 1996. São 13 anos de acordo de paz. O Brasil vive o seu mais longo período de democracia contínua: 23 anos. Portanto, nós estamos construindo um jeito de ser sem intromissão, primeiro, da Coroa e, segundo, do império.

Eu tenho conversado com os presidentes e tenho conversado com o presidente Obama. O presidente Obama é a oportunidade que a América Latina tem de, pela primeira vez, ter um presidente americano que não nos trate como se fôssemos inferiores, que não nos trate como se fôssemos apenas exportadores de mão-de-obra barata, que não permita que os seus embaixadores se intrometam na política local, que respeita a soberania de cada país. Eu tenho dito a todos os presidentes: fizemos a Cúpula das Américas, em Trinidad e Tobago, e fizemos uma reunião específica da América do Sul com o presidente Obama. Eu penso que na história dos Estados Unidos nunca um presidente americano teve a oportunidade de ter uma conversa tão franca com os presidentes da América do Sul.

Isso me dá esperança de que, se a gente tiver paciência com a democracia, se a gente fizer política com a cabeça, se nós formos racionais,



nós poderemos deixar para nossos filhos a consolidação da mais forte democracia já implantada no continente latino-americano.

Por que vocês acham que eu sou o primeiro presidente brasileiro a vir à Guatemala? E o primeiro a [ir] a vários países da América Central? Porque Guatemala e Brasil, e Venezuela, e Argentina, e Chile, e Peru, e Equador, e Colômbia e todos os países, nós aprendemos durante cinco séculos a ficar mirando, primeiro a Europa, porque nossos descobridores estavam lá. Depois que conquistamos a nossa independência, passamos a mirar a Europa econômica e alguns, a mirar os Estados Unidos. Nós não nos mirávamos, nós nos tratávamos como se fôssemos desconhecidos. A relação do Brasil com a Argentina, com o Uruguai, com o Paraguai – que fazem fronteira com o Brasil – era uma relação muito distante, porque nós disputávamos, entre nós, quem agradava mais, de um lado a Europa e, do outro lado, os Estados Unidos.

O que está acontecendo, de novo, hoje? Nós nos descobrimos e estamos trabalhando para fazer com que as complementaridades entre nossos países possam ser exercitadas. No que o Brasil pode ajudar a Guatemala? No que a Guatemala pode ajudar o Brasil? O que nós poderemos produzir juntos? O que poderemos construir juntos? Isso só vai ser possível se não existir política de submissão, se o exercício da soberania for total, e se os dois países descobrirem que vão ganhar alguma coisa com isso. E veja o que aconteceu: no dia 25 de janeiro de 2003 eu fiz a minha primeira viagem internacional como presidente. Eu fui a Davos. Encantado, primeiro, porque estava em Davos. Segundo, porque era o supra-sumo do encontro da elite, que falava do mercado. O coitado do Estado não valia nada. Não valia nada. Na volta, eu conversei com o meu ministro das Relações Exteriores e falei: Celso, nós precisamos mudar a lógica da economia comercial e precisamos mudar a lógica da política mundial. Ela está muito centralizada e nós precisamos descentralizá-la, diversificar nossas relações.

Nesses poucos sete anos, Presidente, o maior parceiro comercial do



Brasil não é mais os Estados Unidos, é a China. O maior parceiro comercial do bloco não é mais a Europa, é a América Latina. Um dos grandes parceiros nossos hoje é a África, são os países Árabes.

Eu tenho visitado os países Árabes, eu fui ao Líbano, fui à Síria, eu fui a nove países. Mas eu cheguei à Arábia Saudita agora. O último mandatário brasileiro que foi à Arábia Saudita foi o imperador D. Pedro II, em 1875. Ora, nessa lógica comercial de mundo globalizado, nós temos que procurar oportunidades, nós não podemos ficar esperando que as pessoas sintam prazer em vir à Guatemala comprar alguma coisa. A Guatemala é que tem que viajar o mundo dizendo que tem o que vender, oferecendo as coisas boas que sabe produzir. Porque senão nós ficamos dependentes de um único, e quem depende de um tem pouca chance. Porque na hora em que temos uma crise econômica como esta, se nós só vendemos para um, as nossas oportunidades diminuem.

E eu penso que esse fortalecimento, com a criação da Unasul, com a criação do Conselho de Defesa da América do Sul, com a criação do Conselho de Combate ao Narcotráfico... Por que tem que ser os Estados Unidos que têm que estar na Colômbia combatendo o narcotráfico? Por que nós não cuidamos das nossas fronteiras e damos a liberdade ao presidente Obama? Em vez de cuidar dos traficantes da Colômbia ou de outros países latino-americanos, que cuide dos consumidores, dos usuários americanos. Aí todo mundo fica com a vida facilitada.

No ano que vem, vamos eleger, pela primeira vez, o Parlamento do Mercosul – eleição direta. Eu tenho dito ao México, ao companheiro Fox e agora ao companheiro Calderón: voltem-se para a América Central e para a América do Sul, parem de depender exclusivamente dos Estados Unidos, isso não é uma coisa boa.

Quanto mais parceiros nós tivermos, mais fortes nós seremos. E quanto mais unidos nós formos, mais chances nós temos. Nós temos sempre que a



saber que a Europa está, no mínimo, 50 anos na nossa frente. Eles têm experiência em colonização e nós não temos interesse nem queremos ser colonizadores, mas nós queremos (incompreensível). É por isso que eu estou viajando, e por isso estou bem nas pesquisas, porque viajo muito. A imprensa brasileira não fala mal de mim, (incompreensível) e vou continuar viajando.

Eu acho, Prefeito, que você tem um papel na Guatemala, além de (incompreensível). Eu acho que o debate sobre a democracia na Guatemala tem que ser feito de forma continuada, para que alguns que perderam o governo fiquem calmos, porque quatro anos passam rápido. Porque quatro anos é muito difícil para quem está na oposição, mas para quem está no governo, a gente nem aprende a governar e já acabou. Então, o que é preciso é as pessoas perceberem que à medida que vai acontecendo a (incompreensível), o povo vai errando e acertando.

Mas, certamente, a chance de a gente acertar com democracia, exercitando na plenitude a democracia, a chance é muito maior do que nos momentos de guerra que este país teve, do que nos momentos de autoritarismo.

Por isso, quero dizer a vocês que eu me sinto feliz. Primeiro, por receber a chave. Agora, quando vier à Guatemala, não trago mais passaporte, eu trago a chave. Eu falo: vou para a minha casa, vou para a minha cidade. Espero que seja assim.

Mas eu volto para o Brasil com a convicção de que o povo da Guatemala não pode perder a oportunidade de transformar a democracia na mais importante conquista deste mundo. Democracia é difícil e exige paciência. Mas não tem nada mais forte do que a democracia. Não a democracia que a gente apenas tem o direito de gritar, de estar contra. Não. A democracia que nos permite gritar que estamos com fome, mas que nos permite tomar café, almoçar e jantar todos os dias.

Muito obrigado.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(211B)